



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

## **INTERVENÇÃO LITERÁRIA EM CASAS DE ACOLHIDA: O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA QUE ESPERAMOS SER BEM LONGA.**

**Tereza R. B. Vaz de Oliveira, graduanda de Pedagogia-UFPE**

**Fabiana S. de Andrade, graduanda de Pedagogia-UFPE**

**Leonora H. dos Mártires, graduanda de ciências sociais-UFPE**

**RESUMO:** O presente relato aborda uma experiência de mediação de leitura realizada em função da disciplina eletiva de *educação literária na escola e na biblioteca* do curso de pedagogia da UFPE. Tal intervenção foi consagrada em uma casa de acolhida da região metropolitana do Recife, voltada para crianças e jovens logrados nesta. Como procedimento metodológico, utilizamos o roteiro das quatro etapas de Caio Riter, à saber, motivação; leitura; exploração e extrapolação. Os resultados corroboram sobre a necessidade de atividades que envolvam a leitura de formar a priorizar aspectos lúdicos e também aspectos reflexivos nas atividades de mediação de leitura, a fim de contribuir com o crescimento intelectual do leitor. Tal mediação de leitura foi responsável por provocar o grupo envolvido com sua efetivação a criar um projeto de extensão de intervenções literárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intervenção literária. Roda de Leitura. Formação de leitores.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

## **INTERVENÇÃO LITERÁRIA EM CASAS DE ACOLHIDA: O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA QUE ESPERAMOS SER BEM LONGA.**

**Tereza R. B. Vaz de Oliveira, graduanda de Pedagogia-UFPE**

**Fabiana S. de Andrade, graduanda de Pedagogia-UFPE**

**Leonora H. dos Mártires, graduanda de ciências sociais-UFPE**

### **INTRODUÇÃO**

O direito da criança, do adolescente e do jovem à educação, tal como estabelecido na Constituição Federal de 1988 em seu art. 227, deve ser provido pelo Estado, pela sociedade e pela família. Diante disso nos sensibilizamos a cumprir com a atividade obrigatória da disciplina de educação literária do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em uma casa de acolhida da região metropolitana do Recife.

O termo *casa de acolhida* refere-se à entidade que desenvolve programa específico como abrigo na modalidade de acolhimento institucional, ressaltamos que uma grande parte seus residentes comumente são atendidos por essas unidades após terem seus direitos infringidos junto à família. Assim, enxergamos-nos diante da possibilidade de colaborar para a materialização à educação e cultura a qual essas crianças e esses adolescentes têm direito, por meio da formação e do desenvolvimento da habilidade de leitura literária de forma crítica e reflexiva por considerarmos a relevância desse gênero linguístico.

Embasamos nossa ação nos pressupostos teóricos trabalhados na disciplina e posteriormente aprofundados em nossos estudos particulares. Seguimos assim as orientações destacadas por Petit (2009) em relação à importância da hospitalidade para que as crianças sintam-se ouvidas por um adulto, dessa forma atuamos como mediadores inteiramente disponíveis pra elas.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Compreendendo a literatura como capaz de abrir um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra, entre o vivido e o sonhado, entre o conhecido e o ainda por conhecer, ao passo que concorre para o exercício de um pensamento crítico, ágil e inventivo (RITER, 2009), concordamos que a literatura pode auxiliar na questão da reserva de vida paralela, pois nos possibilita falar sobre temas difíceis de maneira descontraída, capturando o leitor por não o expõe diretamente aos medos que eles têm.

Dessa maneira, enxergando que a linguagem literária favorece a interação de crianças e adolescentes com o texto, facilitando que os mesmos concebam a leitura como uma atividade de construção de sentidos (Brandão e Rosa, 2010; Riter, 2009), assim, decidimos em parceria com os funcionários da coordenação da casa de acolhida abordar a temática do medo, pois esperamos contribuir para a reflexão e quiçá superação de alguns traumas por meio da reflexão como atividade de construção de sentido.

Para a concretização das rodas de leituras literárias, utilizamos as etapas sugeridas por Riter (2009), são elas a motivação, a leitura, a exploração. Pois concordamos com o autor que essas etapas “buscam acercar-se da leitura, através de atividades lúdico-reflexivas, que levem os alunos a interagirem de forma racional e de forma lúdica com o texto literário” (RITER, 2009, p.77).

Considerando o desenvolvimento das habilidades de leitura literária de forma crítica e reflexiva por parte dos menores atendidos pela casa de acolhida, priorizamos questões inferenciais no momento de planejamento da etapa de exploração das rodas, bem como preservamos um momento dedicado ao diálogo com os ouvintes das rodas como norteiam Brandão e Rosa (2010) antes do momento da extrapolação.

## **METODOLOGIA**

### **Campo do relato**



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

As rodas de leitura foram realizadas na Casa de Acolhida Vovó Geralda localizada na Madalena, bairro da região metropolitana do Recife em Pernambuco. No dia 22 de fevereiro de 2014, no horário da tarde. A escolha desta casa de acolhida deu-se através da abertura da mesma à nossa proposta de intervenção literária.

Com a finalidade de embasar nosso planejamento realizamos visitas antecipadas ao local, nessas visitas pudemos observar as crianças, conhecer o espaço que deveria servir como canto de leitura e conversamos com a coordenadora. Por meio desses procedimentos confirmamos que grande parte das crianças e adolescentes passou por situações de risco, agressões físicas e/ou verbais, situações propícias ao desenvolvimento de traumas e medos, além disso, identificamos que todas as crianças e também alguns adolescentes não são alfabetizados. Dessa forma, optamos por trabalhar a temática do medo e livros cujos textos ficassem em destaque em relação à ilustração.

As visitas prévias também nos permitiram seguir as sugestões de Brandão e Rosa (2010) sobre os três caminhos para escolha do texto literário os quais, segundo as autoras, devem observar *as afinidades estéticas do professor, as preferências demonstradas pelas crianças e o conhecimento do acervo a que os estudantes têm acesso* (IDEM, p. 74).

## **Caracterizando os participantes e os livros utilizados na intervenção**

As rodas de leitura foram realizadas no pátio do orfanato para um grupo de aproximadamente 20 pessoas, entre crianças e adolescentes, de 0 a 16 anos de idade. Os livros escolhidos para o desenvolvimento desse tema foram: “*Medo de Quê?*” escrito por Flávia Côrtes e ilustrado por Ivan Zigg e “*Vai embora grande mostro verde!*” escrito e ilustrado por Ed Emberley e traduzido por Gilda de Aquino.

O livro de Flávia Côrtes relata a história de uma menina que tem tantos medos que se assusta com a própria sombra. Mas durante uma conversa misteriosa, seus medos são questionados o tempo todo e a reflexão sobre a origem de cada um deles a ajuda na superação de todos. As ilustrações combinam humor e fobia de maneira encantadora.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

A escolha do livro de Emberley foi pensada em prol de um encerramento da temática com a mensagem pretendida com estas intervenções, a de que as crianças e adolescentes “mandem alguns de seus medos embora”. Acreditamos que o texto deste livro poderá ser acompanhado com facilidade pelos ouvintes uma vez que o mesmo está escrito em letras garrafais que contrastam bem com as cores das páginas, além disso, a obra conta com a arte de ilustrações recortadas que permitem montar e desmontar o monstro ao longo da leitura, colaborando para prender a atenção dos ouvintes.

## **Procedimentos para avaliação da ação**

Como procedimento, registramos a ação com uma filmadora para posteriormente analisarmos junto com os colegas da disciplina se a concretização das intervenções trabalhou o texto com clareza valorizando as qualidades literárias dos livros selecionados, e a se manteve articulação com o referencial teórico estudado na disciplina. Pudemos ainda averiguar por meio do vídeo a adequação das atividades propostas aos livros selecionados e a originalidade dessas propostas de leitura.

## **RESULTADOS**

Diante do limite deste trabalho traremos apenas o resultado da última intervenção realizada. Apesar de não podermos exibir publicamente os vídeos, uma vez que neste consta imagens de menores cuja identidade e localização estão sobre segredo de Estado, ressaltamos a importância desse registro das intervenções literárias como auxílio na elaboração deste relato.

A relação com o grupo teve início desde a organização do espaço para a realização das rodas. Esperávamos que as crianças fossem permanecer dentro da casa de acolhida durante esse momento de transformação do espaço e aguardariam nosso convite, o que não aconteceu. Assim que entramos na Vovó Geralda algumas crianças e adolescentes se aproximaram com curiosidade em conhecer a nos e a finalidade de estarmos na casa.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Algumas estavam exatamente no local planejado para as rodas, ou seja, no pátio aberto e permanecendo lá enquanto forrávamos o chão e decorávamos o ambiente. Elas queriam nos ajudar e uma vez que a surpresa já estava quase toda desfeita resolvemos que era melhor aceitar a ajuda delas interagindo desde já com as mesmas. Ao término da ambientação, que incluiu aromatização com perfume de erva-doce, as crianças se deitaram nos edredons mostrando interesse em descobrir o motivo do cenário.

Logo após o momento de extrapolação do primeiro livro iniciamos o trabalho com o livro *Vá embora grande monstro verde*. As crianças transpareciam a ânsia em participar da próxima intervenção através de comentários e pela disputa por uma posição mais próxima e/ou de melhor visualização do livro. Apesar do sobreaviso da coordenação sobre a falta de aproximação com práticas de leitura e contação de histórias, e de não termos separado um momento para tratar objetivamente sobre esse assunto, na hora da segunda roda nosso público já parecia ter entendido o funcionamento da roda de leitura, sabendo ouvir e comentar no momento devido.

## **Motivação**

As atividades motivacionais para a leitura do livro de Ed Emberley teve uma duração menor que o esperado, apenas sete minutos, mas todos os vinte componentes do grupo participaram. Mostramos fotos de alguns monstros conhecidos, entre esses a cuca, o lobisomem, a mula sem cabeça e outros, e as crianças caracterizaram os monstros falando de seus feitos e se eram do folclore ou não. Contudo ao reler meu planejamento e comparar com a filmagem percebi que esquecera um questionamento desta etapa: “o que eles (as crianças) fariam pra se livrar deles (os monstros exibidos)?”.

Apesar dessa displicência, o objetivo dessa etapa foi atingindo, pois quando viram a imagem da sombra de um monstro que eles não conheciam ficaram interessados em saber se o monstro da história era o mesmo da sombra e, entender quem era esse grande monstro verde afinal.

## **Leitura**



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Logo na apresentação do livro, ao verem a capa, elogiaram a estética do mesmo: “*que livro lindo tia*” e a condução da leitura foi tranquila. O texto escrito em letras garrafais, em contraste com as cores das páginas, permitiu às crianças alfabetizadas lerem concomitante a leitura da história. As crianças leram em voz baixa os textos em destaque sem atrapalhar a leitura. Averiguamos que diferente do planejado o escritor e ilustrador do livro não foi apresentado, uma gafe que dificultou uma questão do momento de exploração relatada mais adiante.

As páginas de ilustrações recortadas facilitaram a leitura por esta harmonia com a narrativa da construção e desconstrução de cada parte do “grande monstro verde”. Durante a leitura a mediadora optou por infantilizar a voz do narrador, imprimindo sentimento no momento de desfazer o grande monstro. Essa dramaturgia nos pareceu favorável ao momento, pois o grupo como um todo observava com curiosidade cada virar de páginas e comentavam algo sobre a nova parte do monstro como “*vige Maria!*”, “*sangue de Cristo tem poder!*”.

## **Exploração**

Na exploração do texto retomamos com a pergunta objetiva da motivação, sobre a sombra exibida ser ou não do monstro da história (você acham que esse monstro é o que a gente procurava?). Diante das divergentes opiniões onde uns negavam que a sombra era do mesmo monstro dizendo “*porque não tem nada a ver*” e outros diziam “*tem tudo a ver*”, pedimos que eles justificassem suas respostas e somente os que afirmavam que a sombra era do grande monstro verde argumentaram sobre as semelhanças “*é sim ó as orelhinhas, o cabelo*”, entre outras justificativas.

Em seguida fizemos algumas indagações, contudo como já relatamos nossa primeira pergunta acerca do gênero do narrador ficou comprometida por não termos apresentado o autor do livro. Planejamos perguntar inicialmente se o narrador era menina ou menino, no intuito de averiguar se nosso público ligaria o narrador ao autor ou a pessoa que mediou a história, logo, não foi possível analisar em que sustentaram suas opiniões e grande parte afirmou desconhecer o fato.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Em seguida fizemos uma pergunta objetiva, “você acham que ele estava assustado com o monstro?”, a qual as crianças responderam sem divergência de opinião que não destacando o momento da história em que o narrador diz não temer o monstro. Mas quando abrimos espaço para imaginação com uma pergunta subjetiva, inquirindo “se aparecesse um grande boneco de borracha igual ao grande monstro verde aqui no quintal e no meio da noite você visse e pensasse que era de verdade, você se assustaria?”, cada um respondeu de forma diferente. Enquanto uns diziam que “*eu ia desconfiar*”, outros afirmavam “*sim, com certeza*”, “*eu teria medo*”.

A partir dessa questão refizemos a pergunta, mas substituindo o grande boneco por apenas uma das partes do grande monstro verde, ou seja, se aparecesse uma orelhinha torta de borracha ou uma peruca de cabelo roxo, espetado pendurada na árvore ou caída no chão, “você se assustaria?” e quando as crianças de forma unânime que não, questionamos sobre a diferença das respostas das perguntas similares e obtivemos o dado inferencial que pretendíamos na fala de uma adolescente que disse “*é que o monstro dá medo mais só o cabelo dele dá não, né tia?*” e disse outra moça “*eu tenho medo do escuro, de rato, de homem e maldade, mas eu tenho muito mais medo do escuro com homem que faz maldade*”. A fala dela na verdade resumiu a de alguns colegas como de uma garotinha de sete anos que exclamou “*oxé, medo só de peruca não né*”, sendo crucial para o encaminhamento de um momento de conversa sobre como os medos nos assustam menos quando os enxergamos por partes.

Realizamos mais duas perguntas inferenciais, a primeira em relação ao tamanho do narrador comparado esse ao monstro, e tivemos: “*Maior... não, não! Menor que o monstro, porque ele diz que o monstro é grande*”. Para a segunda lembramos que alguns dos monstros apresentados no momento da motivação aparecem como heróis em algumas histórias, e alguns são queridos pelo público e pelo narrador, então perguntamos diante dessa informação o que eles achavam acerca do sentimento que o narrador nutria pelo monstro, e as crianças responderam de forma semelhante. Entre as respostas selecionamos essa: “*não. Porque ele mandou o monstro embora*”.

Por último perguntamos como o narrador fez para o monstro ir embora e quando uma jovem respondeu que “*ele mandou o monstro ir embora*” outra a corrigiu



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

imediatamente advertindo sobre o modo como o narrador expulsou o monstro de seu quarto dizendo “*ele foi mandando por partes*”.

Todas as crianças participaram, muitas repetiam as respostas dos colegas, mas não existiram brigas pela autoria. Entre as perguntas e respostas dessa etapa foi sentida a necessidade que eles tinham de conversar sobre seus medos, como tínhamos planejado um tempo maior para a realização da roda do que realmente foi necessário aproveitamos para seguir os conselhos de Brandão e Rosa (2005) conversando de maneira descompromissada com eles.

Na conversa elas expuseram medos comuns como do escuro, de rato e etc. como medos particulares, a exemplo, medo de homens maus, medo da morte entre outros. Utilizamos aproximadamente uns quinze minutos nessa dinâmica, que naturalmente caminhou para a extrapolação.

## **EXTRAPOLAÇÃO**

Foram vinte minutos investidos na extrapolação. Percebemos a possibilidade de aproveitar as falas da conversa para entrar na extrapolação, logo, fomos introduzindo a conversa interrogação como: “você acham que seria bom se a gente pudesse pegar tudo que agente têm medo e mandar embora?”, “o que te assusta que você mandaria embora?”. “o que acontece se eu soltar essa fita?”.

Assim, mostramos o balão com gás hélio continuamos com as perguntas indagando sobre o que aconteceria se soltássemos o balão e elas respondiam “*ele sobe*” e/ou “*ele vai embora*”. Dessa forma introduzimos alguns pensamentos lúdicos como “sabia que nós que fazemos as coisas ficarem mágicas? somos nós que tornamos algo ou alguém importante, é ou não? E se a gente transformar esse balão em um balão mágico que pode levar nossos medos bem pra longe da gente, não seria legal? Vamos fazer isso? Vamos desejar de coração que esses medos vão embora!”.

Depois convidamos as crianças a desenhar e/ou escrever algo que representasse os medos que tinha para prender ao balão e mandá-lo embora. Apenas uma moça disse



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

que não iria fazer, mudando de ideia logo em seguida. Depois que todos já tinham desenhado foi necessário alterar o plano, pois concluímos que com a quantidade de papéis ficaria difícil o balão subir.

Resolvermos escrever os medos deles nos balões, assim solicitamos ficar com os desenhos deles de lembranças com a condição de escrevê-los no balão para mandá-los embora, todos concordaram. Enquanto reescrevíamos os medos no balão estes eram compartilhados. Constatávamos as afinidades e diferenças dos medos registrados nos papéis. Chegado o momento de mandar todos os medos embora. Ressaltamos a importância de gritarmos com fé, de coração, com força e coragem para mandar o medo embora. Seguramos todos no cordão que prendia o balão e fomos soltando aos poucos ao passo que cada um gritava para expulsar o medo que tinha.

Cada um gritou como uma forma de expulsar seus medos particulares, independente de algum desses ser compartilhado pelo colega ao lado. Os gritos continuaram enquanto o balão subia e já não era mais possível distinguir o que era dito nas frases, tão pouco o que era balão ou nuvem. A emoção desse momento não estava no planejamento. Miramos o balão e desejamos que ele, assim como os medos daquelas crianças, partisse pra longe.

Acreditamos que essa atividade contribuiu com a reflexão sobre a postura ativa de enfrentamento do medo que Ed Emberley traz no livro, ajudando nosso público a perceber como o modo de pensar e enxergar nossos medos pode alimentá-los ou deixá-los subnutridos até acabar com eles.

## CONCLUSÃO

A obra de Emberley mostrou-se adequada por possibilitar um encerramento da temática como planejamos, ou seja, exercitando a reflexão sobre os medos e passando a mensagem de que as crianças e adolescentes podem “mandar seus medos embora”. Esse fato pode ser percebido mais claramente nas falas transcritas de algumas crianças, a



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

exemplo, *“alguns medos são da nossa cabeça, a gente que cria e a gente que desmonta”*.

Além disso, o aspecto visual das figuras recortadas do livro surpreendeu as crianças produzindo algumas exclamações como *“oxé! vai aparecendo o mostro!”*, auxiliando o momento da leitura, uma vez que as crianças ficavam concentradas na aparição paulatina do grande mostro verde e não dispersavam a atenção.

A intervenção favoreceu a concepção de que a literatura possibilita falar sobre temas difíceis de forma descontraída capturando o leitor, pois não o expõe diretamente aos medos que eles têm, trata-se da questão da reserva de vida paralela. Assim, a literatura pode promover a aproximação e abertura das crianças e jovens para a conversa e conseqüente reflexão sobre temas reais ao mesmo passo que desenvolve as capacidades criativas por meio do lúdico e da ficção.

Percebemos ainda que o trabalho realizado em nossas rodas foi efetivado de modo favorável à formação de leitores, pois escolhemos livros cujos textos foram atrativos e que criaram nas crianças e adolescente a vontade de ler mais, baseamos essa afirmativa na inquietação deles sobre se voltaríamos e faríamos essas intervenções mais vezes.

Percebemos também que a ambientação, na qual incluímos aromatização com perfume de erva-doce, fez com que até as crianças mais tímidas que ainda não tinham falado nem se aproximado do grupo de intervenção, correram e deitaram-se nos edredons mostrando interesse em descobrir no cenário. Diante disso, comprovamos a necessidade e eficácia da preocupação com a estética do ambiente e a preparação antecipada dos materiais, como salienta Pieruccini (2011), para facilitar os procedimentos de atração da atenção do público ao qual se destina a mediação.

Diante da ânsia e satisfação deles durante as rodas de leitura comprovamos a carência de literatura mencionada pela coordenadora da casa de acolhida em nossa primeira visita. Através desses dados e iniciamos um Projeto de Leitura e Intervenção Literária em Casas de Acolhida (LEIA) junto à Universidade Federal de Pernambuco e



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

em parceria com a 2ª Vara da infância e juventude do Recife, no intuito de prosseguir com as intervenções pelos mesmos objetivos formadores já esclarecidos. Acreditamos no poder transformador da literatura para todos os que participam dessas intervenções literárias e esperamos crescer o número e a qualidade dos relatos sobre essas intervenções.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, A. C. P. ; ROSA, E. C. de S. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende. *in* **Literatura: no ensino fundamental**. Org. Paiva, A. ; Maciel, F. Cosson, Rildo. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: 1988.

FERNANDES, C. R. D. **Nas trilhas do letramento, prática e formação docente: Letramento Literário no contexto Escolar**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Dourado, 2011.

PETIT, M. **A arte de ler: como resistir à diversidade**. SP: Editora 34, 2009.

PIERUCCINI, I. **Ambientes e modos de leitura: em busca da significação dos escritores**. SP: Ática, 2011.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. SP: Biruta, 2009.